



O jardim de Alice, o prédio de Sophia, as crônicas do Peixeiro: uma análise do romance *Alice*, de Luiza F. de Camargo Pacheco

Pedro Borges Pimenta Júnior¹

Resumo

O romance *Alice*, de Luiza F. de Camargo Pacheco, publicado em Campinas – SP, em 1903, ajuda a retratar as dificuldades encontradas por mulheres em busca de legitimação como escritoras. Essas dificuldades são representadas ficcionalmente a partir da comparação entre dois espaços de intervenção humana: o jardim oferecido pelo esposo da protagonista como presente de casamento e um edifício projetado pela arquiteta chileno-estadunidense Sophia Hayden, para a Exposição de Chicago (1893). Na obra, o jardim evoca as convenções sociais que prendiam a mulher ao espaço doméstico, e o prédio de Hayden mostra a capacidade criadora da inteligência feminina atuando em contextos até então exclusivamente masculinos. Contudo, embora a narrativa de Pacheco teça loas à capacidade da mulher, este trabalho tensiona a visão da autora comparando a recepção preconceituosa do trabalho de Hayden em crônicas publicadas no jornal *Correio Paulistano*, no mesmo ano de realização do evento. Nesse sentido, a partir de revisão bibliográfica e pesquisa em periódicos da época, este trabalho tem por objetivo analisar como esses dois ambientes, respectivamente e em contraste, figuram os espaços sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres brasileiras no século XIX (a casa, o jardim, o convento) e aqueles que a luta de emancipação feminina foi historicamente conquistando (o escritório, a engenharia, a literatura). Para tanto, recorreu-se aos estudos de Araújo (2000), Bianco (2012), Bourdieu (2012), Lima (2014), Muzart (1995), Nader (2001), Rebello (2015), entre outros.

Palavras-chave:

Luiza F. de Camargo Pacheco; Sophia Hayden; Literatura de autoria feminina.

Sobre o autor:

¹Mestrado em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros (2019), atualmente é professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: produção literária de Manoel Ambrósio, regionalismo literário, literatura de Minas Gerais, epistolografia. Dedicou-se, ainda, aos seguintes assuntos: remição pela leitura, leitura e produção de texto em prisões. Coordena, desde 2019, o projeto de extensão intitulado "Remição pela leitura", realizado na APAC - Januária. Orienta trabalhos e realiza pesquisas relacionados à produção literária do Médio São Francisco. **E-mail:** pedro.pimentajr@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em 1903, Luiza F. de Camargo Pacheco publicou o romance *Alice*. No prefácio, a autora afirmou que seu livro serviria à “educação das moças”, o que se comprova pelo enredo centrado nos infortúnios de uma protagonista que, não sem muito sofrimento, aceita a tutela masculina sobre o próprio destino: do pai ao marido, passando pelo filho, são os homens que influem, direta ou indiretamente, nas decisões e no destino da personagem.

No entanto, algumas “rasuras” deixam entrever, no romance, as estratégias discursivo-narrativas que ela desenvolveu para dialogar com a autoridade e o poder, no espaço exíguo de que dispunha. Tendo sido a primeira romancista de Campinas - SP a publicar utilizando o próprio nome, Luiza Pacheco renunciou a uma prática comum da época, na qual as mulheres autoras, para verem suas obras ganharem a página impressa sem grandes percalços, frequentemente recorriam ao uso dos pseudônimos (alguns deles masculinos) ou permitiam que os nomes dos cônjuges fossem estampados na capa de seus trabalhos.

Nesse sentido, a publicação de *Alice* pode ser vista como gesto de resistência possível de uma mulher que, apesar do talento e da fortuna, não tinha a liberdade para expressar-se como quisesse, mas apenas dentro da pauta que sua posição social permitia.

A começar pelo prefácio, o romance aparece embotado pelo deselegante prefácio, escrito por Basílio de Magalhães (1903), escritor e professor bastante conhecido nos círculos intelectuais do país, naquele período:

se este encantador romancete não collimasse, através de meia dúzia de paginas singellamente amenas, combater a deseducação e a irreligião,—duas fauces hiantes do mesmo terroroso abysmo, em cuja bordas está deploravelmente resvalando a nossa mocidade, que vai abandonando cada vez mais a cultura do sentimento, em troca de uma instrucção scientifica comumente mais frívola do que real — eu teria francamente aconselhado á sua distinctissima autora que o deixasse, no fundo de alguma arca vetusta e empoeirada, dormir o quieto somno dos documentos inúteis de um passado irrecordavel (MAGALHÃES, 1903, p. II e III).

Do ponto de vista da recepção da obra, o texto de Basílio pode ser entendido como uma espécie de “benção”, garantia ao público leitor de que o romance tivesse algum valor, e ainda como chancela ou boas-vindas à “digna esposa” do Sr. Silvano Ferreira da parte de um intelectual conhecido. Ocorre que, ao contrário do que escreve o prefaciador, a obra de Luiza Pacheco possui qualidades estéticas que sobrepõem os aspectos morais, nunca merecendo o esquecimento das arcas empoeiradas.

Esse esquecimento, segundo Magalhães, era reservado às obras de lavra feminina que se furtavam de falar ao espírito das mulheres sobre a importância social da maternidade, estado de espírito capaz de frear “o lugubre cortejo de

tantas irreparáveis desditas - domésticas, cívicas e sociais” (MAGALHÃES, 1903, p. III).

Embora soe, para Magalhães, como um repositório de “idéias meigas e doutrinações são” (1903, p. III), o romance de Luiza Pacheco possui fissuras que fazem supor que a autora não estivesse plenamente identificada com o louvor, pela literatura, das prendas domésticas ou da normalização dos espaços socialmente aceitáveis para a mulher. Antes disso, permite entender que ela já vislumbrava uma alteração nesse quadro, com a sucessiva e lenta marcha feminina rumo à ocupação de postos e funções fora dos muros dos jardins domésticos.

Infelizmente, não há estudos ou informações biobibliográficas acessíveis sobre Luiza Pacheco. Isso dificulta o trabalho de análise de sua, ao que parece, única obra. Entretanto, por pertencer à elite cafeeira do interior, há sobre ela e o marido, Silvano Ferreira Pacheco, algumas menções em jornais da capital do Estado, dando conta da rotina de viagens de negócios e de outros expedientes ligados à monocultura. Numa dessas notas, publicada em dezembro de 1903, na coluna *Municípios* de *O Estado de S. Paulo*, o leitor tem conhecimento sobre a publicação de Alice:

a exma. sra. d. Luiza F. de Camargo Pacheco, nossa talentosa conterrânea, esposa do sr. Silvano Ferreira Pacheco, acaba de publicar uma interessante novela, denominada Alice, em um bello volume, de 124 paginas, nitidamente impresso nas officinas do Livro Azul. O trabalho literário é prefaciado pelo sr. Basilio de Magalhães, ilustrado lente do Gymnasio campineiro. A distincta senhora ofereceu 35 exemplares a cada uma das seguintes instituições: Lyceu de Artes e Officios, Asylo de Orphães e Hospital de Morpheticos, desta cidade, e á Associação Beneficente Feminina e á Maternidade de S. Paulo (O ESTADO DE S. PAULO, 1903, p. 01).

Com se percebe, mesmo no momento em que é apresentada como escritora, Luiza Pacheco ainda aparece tutelada pelo marido e pelo prefaciador, Basílio de Magalhães: o primeiro dando autorização para que o romance da “distincta senhora” chegasse ao público, o segundo funcionando como um abre-alas, espécie de chancelador intelectual da obra.

Interessante observar, ainda, como a breve nota dá menos destaque ao enredo e às qualidades de *Alice* e mais relevo ao destino de alguns exemplares do livro, enviados a instituições de caridade, em Campinas e em São Paulo, que abrigavam jovens órfãs e mulheres puérperas. Assim, levando-se em consideração o curto espaço do jornal destinado a esse tipo de nota, o gesto de caridade pode ser vislumbrado como uma quase propaganda das “altas virtudes” que da obra emanariam, merecendo crédito apenas por isso, já que não se faz menção à obra, para além do desestimulante “uma interessante novella”.

Presume-se, por conseguinte, que a leitura do romance incutiria nas mulheres que frequentavam tais instituições ideias sobre a abnegação da

maternidade, a capitulação às vontades de pais e maridos e outras pregações de que o livro está cheio. Contudo, as rasuras referidas deixam a obra mais paradoxal, observada contemporaneamente, quando esses modelos e padrões de comportamento são necessariamente contestados.

Nesse sentido, o presente artigo, a partir da leitura do romance de Luiza Pacheco, apoiada em uma revisão de literatura e em pesquisas realizadas em repositórios eletrônicos de periódicos paulistas do final do século XIX e início do XX, busca retratar os complexos meandros da escrita e da resistência femininas mediante a comparação entre espaços de intervenção humana representados na narrativa – um jardim podado e oferecido à personagem principal pelo marido como presente de casamento e um prédio construído por “mãos do sexo affectivo¹”, precisamente pelas de Sophia Gregoria Hayden, arquiteta chileno-estadunidense, citada no romance. Essas imagens evocam, respectivamente e em contraste, os espaços sociais tradicionalmente atribuídos às mulheres brasileiras no século XIX (a casa, o jardim, o convento) e aqueles que a luta de emancipação feminina foi historicamente conquistando (o escritório, a engenharia, a literatura). Para tanto, recorreu-se aos estudos de Araújo (2000), Bianco (2012), Bourdieu (2012), Lima (2014), Muzart (1995), Nader (2001), Rebello (2015), entre outros.

O JARDIM DE ALICE

O romance apresenta já nas primeiras linhas a personagem Alice, uma jovem recém-casada, que, segundo o narrador, não era “uma beleza, no rigor pleno do termo, mas do seu todo parece promanavam eflúvios de simpatia e, logo ao primeiro olhar, adivinhava-se nela uma alma terna e sensível” (PACHECO, 1903, p. 02). Em uma narrativa cheia de fatalidades, a personagem Alice perde o pai, o marido e, três anos depois, o único filho. Desaparecidos os homens, restava apenas o caminho do claustro para Alice.

Esse desfecho, narrado como a grande tragédia da vida da protagonista, revela, segundo Ivana Rebello (2015), a fragilidade da posição feminina no seio das famílias abastadas da elite paulista: “Uma a uma as funções sociais da mulher vão desaparecendo: se a mulher não é filha de um homem, não é casada ou não é mãe, ela nada é. O que resta, então, à personagem? A clausura e o recolhimento: Alice se encerra num convento” (REBELLO, 2015, p. 10-16).

Alice, a protagonista, como se pode depreender numa primeira leitura, carrega todos os clichês que limitaram e calaram (e ainda calam) a mulher,

¹ Neste trabalho foram utilizados trechos da primeira edição do romance *Alice*, impresso em 1903 na *Tipologia Livro Azul – Castro Mendes & Irmão*, em Campinas - SP, conservando-se a ortografia da época em que foi escrita e publicada a obra. O mesmo procedimento foi utilizado quanto às crônicas da coluna *De Chicago*, assinadas por Fishmonger e publicadas em fevereiro de 1893 no jornal *Correio Paulistano*.

reforçados pela imagem do jardim bem cuidado que o narrador descreve nas primeiras páginas do romance. Na cena inicial, o leitor conhece o esplêndido jardim com que Renato, marido de Alice, presenteara a esposa:

à entrada, elegantes palmeiras erguiam ao céu os seus leques viridentes, cuja sombra se projectava sobre a ampla bacia de alto repuxo, na qual nadavam peixinhos irrequietos. Nos canteiros, dispostos aqui e acolá com apurado gosto e fina arte, viam-se trepadeiras flexuosas, rubros cravos, alvas magnólias de aroma penetrante, modestas e olorosas violetas, níveos lírios, odoríferos resedás, além de muitas variedades de rosas, crotons, calladiums, pelargonios, e esplendidas collecções de orchideas raras, a que Renato ligava especial apreço, como também de chrysánthemos variegados predilectos de Alice. À direita, e num dos ângulos do jardim, descobria-se, por arbustos e o matiz irizado das flores, um caramanchel todo entrelaçado lateralmente de madresilva e encimado por enorme ipomeia (PACHECO, 1903, p. 02 – 03).

O jardim de Alice remonta à imagem do paraíso idílico, e pode ser pensado como metáfora do casamento idealizado ao gosto burguês. Fora plantado à entrada de “confortável vivenda, situada numa das ruas principais de Campinas” (PACHECO, 1903, p. 01), para que o casal, pertencente à aristocracia cafeeira paulista do final o século XIX, pudesse passear, nas tardes em que não fizessem sua aparição pública pelas ruas de Campinas. Daquele retiro, a jovem poderia ser vista e admirada, não apenas como uma mulher, mas, ainda, como símbolo de sucesso do marido, que a pusera como máximo ornamento do belo cenário criado para impressionar a sociedade campineira.

Muitas são, também, as representações desse espaço nas tradições literárias e em outras artes, algumas vezes como fonte de inspiração, noutras apenas como elemento simbólico complementar. A narrativa judaica para a criação da humanidade desenrola-se num jardim, o Éden, projetado por Deus e cultivado por Adão, o primeiro homem. Nessas representações, sejam elas espelhadas na narrativa bíblica ou nos mitos greco-latinos, a mulher é vista como ser adjutório do homem ou objeto de inspiração. No jardim, cabe ao homem a lide cultural, encetada no ato de nomear os seres viventes, ou de definir os cultivares, projetando e aplainando o terreno para que frutifique.

Historicamente, esse ambiente passou a simbolizar o espaço privado, frequentado pelas mulheres, em oposição aos lugares de convívio dos homens, que ocupam a rua, o paço, o escritório. Assim, na divisão da ordem social, segundo Pierre Bourdieu (2012), aos homens cabem os trabalhos exteriores à casa, desempenhados no espaço do “oficial, do público, do direito” (BOURDIEU, 2012, p. 41), restando às mulheres:

todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica, isto é, os

que levam a lidar com a água, a erva, o verde (como arrancar as ervas daninhas ou fazer a jardinagem), com o leite, com a madeira e, sobretudo, os mais sujos, os mais monótonos e mais humildes (BOURDIEU, 2012, p. 41).

Antes de casar-se, a jovem Alice habitava num “castello feudal”, construído por seu pai, o comendador Carvalho. Essa personagem, fazendeiro de sobeja riqueza, tinha o destino das filhas em sua mão, aparecendo de relance no início da trama de modo a deixar clara a importância do poder patriarcal no destino da protagonista². A propriedade cafeeira do comendador era também um belo jardim tratado, “uma vivenda aprazível e magnificamente situada numa elevação de terreno, da qual se descortinava a bela paisagem de uma bem tratada propriedade rural” (PACHECO, 1903, p. 09).

Conforme percebemos no avançar da leitura, a personagem Alice vivera e vivia enclausurada em ambientes cuidados, cercada da beleza e do conforto que a sua classe social permitia, habitante de um espaço cerceado, embora magnificamente ornado, em que flores e papéis sociais estrategicamente colocados eram indicativos do limitado lugar que a mulher tinha na sociedade de então: uma gaiola dourada e florida.

Os papéis masculino e feminino na trama ficam explícitos na cena em que o casal descansa em seu belo jardim. Enquanto “os olhos de um percorriam avidamente as longas columnas do grande orgam de publicidade e os da outra acompanhavam os delicados movimentos da mão, dirigindo habilmente a agulha” (PACHECO, 1903, p. 04). Portanto, mesmo sendo possível inferir que Alice possuía boa educação e ampla cultura – perceptível na escrita da carta que escreve à irmã, como se discutirá à frente – a cena demonstra como o exercício da intelectualidade destinava-se ao homem, enquanto à mulher, mesmo culta e educada, cabiam os ofícios de agulha e outros afazeres domésticos.

Mesmo controle e afastamento da vida social vivia Clarisse, irmã mais moça da protagonista, que tinha “saído do collegio de Ytú, por ocasião do casamento de Alice, para fazer companhia à sua mãe” (PACHECO, 1903, p. 09). Confinada em um colégio interno e de lá retirada para regressar à casa paterna, de onde sairia apenas para casar-se, a moça era uma prisioneira, semelhante ao canarinho belga, “linda avezinha de que Renato lhe havia feito presente” (PACHECO, 1903, p. 10).

Esse alheamento é o resultado da interpretação restritiva dos preceitos bíblicos, levados ao extremo. Historicamente, os argumentos religiosos serviram como justificativa para o apagamento e subalternização das mulheres, retirando delas a prerrogativa de deliberar sobre a própria identidade e destino.

Assim, presas nesse tecido social, às mulheres restavam os espaços menos

² Embora apareça apenas no início da trama e não tenha merecido uma descrição física ou psicológica de parte do narrador, o comendador Carvalho possui um poder muito grande sobre o destino da protagonista: é ele quem chancela o casamento com Renato e os rumos da vida de Alice se modificam após a morte dele.

iluminados da vida pública e cultural. Elas habitavam, como indivíduos sem lugar na História e desprovidas de cidadania, o interior das casas, os internatos religiosos, o convento, o jardim e, em algumas ocasiões especiais, os folguedos populares e as cerimônias oficiais e religiosas. Elas representavam, dessa forma, “um capital simbólico importante” para a família burguesa, porque delas, se convenientemente educadas, dependeria o sucesso familiar. Nesse sentido, a mulher, segundo Emanuel Araújo (2000)

estava condenada, por definição, a pagar eternamente pelo erro de Eva, a primeira fêmea, que levou Adão ao pecado e tirou da humanidade futura a possibilidade de gozar da inocência paradisíaca. Já que a mulher partilhava da essência de Eva, tinha de ser permanentemente controlada (ARAÚJO, 2000, p. 46).

É no agradável conluio no jardim que a personagem Renato, homem cosmopolita, engenheiro graduado na Cornell University, nos Estados Unidos, convence a esposa a visitar a Feira Mundial de Chicago. A moça aceita o convite e o casal embarca para os Estados Unidos. Importante destacar no romance a postura submissa de Alice frente ao convite do marido, moldada certamente pelo modelo de educação em que a jovem fora criada. Assim como o pai, o esposo tem grande influência sobre as decisões de Alice, que aquiesce a elas com delicada prontidão: “— A tua vontade é a minha”. Isso está patente no diálogo mantido pelo casal no jardim:

— Acabo de ler um longo artigo relativo à grande exposição de Chicago e me ocorreu subitamente a idéia de darmos um passeio até lá. Que dizes a isto? Queres ir?
— A tua vontade é a minha,—disse Alice;—e, para onde fores, irei também satisfeita.
— Pois, então, está dito. Partiremos dentro de 15 dias.
— É exacto, então, o que estás dizendo? Julguei que fosse mera brincadeira... (PACHECO, 1903, p. 04).

Nesse ponto é também necessário destacar que o comportamento de Renato reflete bem o novo desafio do homem burguês, inserido no contexto da Belle Époque brasileira. Entusiasmado pelos novos horizontes que se abriam diante do progresso científico, da prosperidade que se delineava nos encantos da modernidade, ele espelha esse novo tipo social masculino, sensível às urgências do capitalismo em sua faceta tecnicista, cuja representação mais aguda é a Exposição Mundial de Chicago, ocorrida em 1893.

Uma pesquisa nos arquivos eletrônicos dos jornais paulistas da época – 1892 a 1894 – dá conta da importância do progresso técnico-científico que a feira internacional representou para a elite industrial e agrária brasileira. Sobre o evento foram publicadas várias notas, reportagens e crônicas que revelam desde

os preparativos e as presenças ilustres, até críticas à concessão de transporte gratuito aos empresários paulistanos pelo governo federal.

Na ficção, Renato aparece mergulhado nesse ideal de renovação do capital nacional pelo incremento tecnológico. É o que o narrador revela num comentário acerca dos interesses das personagens masculinas na Exposição, após a chegada em Chicago:

sabemos, porém, que, enquanto os dois engenheiros, cuja ida a Chicago visava menos se divertirem do que aperfeiçoarem seus conhecimentos profissionais, estacavam demoradamente diante de locomotivas, máquinas agrícolas, instrumentos científicos e outros artefactos de imenso valor prático que tinham concorrido ao certamen (PACHECO, 1903, p. 22).

Esse idealismo nacional-capitalista, alicerçado sobre a imagem de sucesso familiar, pode ser notado nesse personagem e sua ausência observada no antagonista dele, o jovem Eduardo que, anteriormente, pretendia casar-se com a protagonista. É o que lemos páginas antes, na cena em que, em São Paulo, as três personagens se encontram às vésperas do embarque para o grande evento. Nessa ocasião, o engenheiro faz questão de relatar todos os projetos de partida ao exterior, acendendo no outro a centelha do rancor, decorrente não apenas da derrota no concurso pela mão de Alice, mas também pela aura de equilíbrio e prestígio social que Renato irradiava nesse diálogo com Eduardo:

— (...) Estamos aqui de passagem. Amanhã seguimos para o Rio e de lá para Chicago. Vamos visitar a exposição colombiana. Tenciono, entretanto, ficar no Rio uns oito dias, a fim de mostrar a Alice os principais edifícios e as esplêndidas belezas naturais da formosa capital brasileira. Não é justo que se conheçam terras estranhas primeiro que as da pátria amada (PACHECO, 1903, p. 12).

Retratado como pária no romance, o dandy Eduardo era o oposto do arquétipo de herdeiro da elite cafeeira paulista, representado por Renato. Essa impressão aparece nos comentários do narrador como exemplo da representação social dos tipos parasitários do século XIX, tão fartamente escrutinados pelas letras nacionais, e condenados na trama de Luiza Pacheco:

Este moço, que, a princípio, parecia destinado, por sua origem distinta e grande fortuna, a um brilhante futuro, levava, ao tempo em que o encontramos acima, uma vida das menos recomendáveis. Demasiadamente ambicioso, a sua ocupação única era, então, o jogo. (...) Debalde o seu velho pai, viúvo e já bastante adiantado em anos, lhe escrevia constantemente, dizendo achar-se cansado dos árduos encargos da lavoura e pedindo-lhe que o fosse ajudar. Eduardo a nada atendia, e continuava a engolfar-se nos prazeres, olvidando de todo, não só os seus deveres filiais, como também os que a todos impõe a moralidade social (PACHECO, 1903, p. 13).

Ferido em seus brios, Eduardo resolve também embarcar para Chicago, onde

encomendará o assassinato de Renato a um notório bandido local. E, por tramas rocambolescas, próprias do folhetim, a vida de Alice, a mocinha, passa do equilíbrio e paz idílicos ao inferno da tragédia familiar, motivada pelo desaparecimento das figuras masculinas que “podavam” o jardim em que Alice vivia.

Contudo, o encontro da protagonista com um prédio construído por mãos femininas é, de fato, a grande fenda no muro desse jardim. Ao deparar-se, na ficção, com o Edifício das Senhoras, projetado por Sophia Hayden, a protagonista tomou dimensão do que pode o talento feminino.

O PRÉDIO DAS MULHERES (WOMAN’S BUILDING), DE SOPHIA HAYDEN

Antes de seu infortúnio, ainda em Chicago, Alice escrevera à irmã para informar sobre as impressões que a visita à Feira Mundial lhe causara. Entre cortesias e amabilidades da escrita epistolar, ela registra sua admiração pela cidade americana, “quatro vezes maior que a nossa formosa S. Paulo” (PACHECO, 1903, p. 23) e que tinha renascido das cinzas de um grande incêndio, que a destruíra completamente, em 1871.

Diz Alice na carta: “isto aqui, em 1840, era uma aldeiola de casas de madeira, que um pavoroso incêndio destruiu completamente em 1871, para surgirem das cinzas sumptuosos palácios de pedra e tijolos, dois anos mais tarde” (PACHECO, 1903, p. 23). Porém, o que mais causara entusiasmo na personagem fora mesmo o Edifício das Senhoras, projetado por Sophia Gregoria Hayden (1868 - 1953).

Hayden, segundo Ana Gabriela Lima (2014), foi a “primeira mulher a se graduar pelo programa integral de quatro anos no MIT”, em Arquitetura (LIMA, 2014, p. 87). Nascida em Santiago do Chile, a jovem e recém-formada arquiteta vencera o concurso realizado pela Columbia University para escolher o projeto do Pavilhão das Mulheres (Woman’s Building) na Exposição de Chicago.

Segundo Alessia Bianco (2012), Hayden diplomou-se um ano antes do que seus colegas. Na menção honrosa que recebeu, os professores escreveram que a jovem era dona de um talento completo. Embora o elogio pareça adequado, colocá-la como acima da média, na visão de Bianco, funcionaria como resposta para justificar a aceitação de uma “invasora” em campo profissional tão restrito, algo verificável na trajetória de outras mulheres pioneiras em atividades extradomésticas.

Embora, conforme Bianco, o projeto de Hayden tivesse sido escolhido pelo rigor técnico e pelas qualidades estéticas, houve forte resistência em nomeá-la como responsável pela construção do prédio que ela projetara. Tendo vencido essa objeção, ainda restou à jovem a humilhação de receber honorários dez vezes menores do que aqueles concedidos a outros colegas homens que trabalharam na construção de outros edifícios da Exposição. Ainda segundo Bianco, as qualidades estéticas e decorativas do prédio foram lembradas pelos comitês responsáveis

pela Exposição, em detrimento das inovações estruturais que trazia.

Na descrição que Alice faz do prédio de Hayden, na carta escrita à irmã, a jovem deixa transparecer seu entusiasmo com a obra, observando não apenas os detalhes de natureza decorativa, mas salientando, também, a qualidade estrutural e o fato de o projeto ter sido executado “tão somente por mãos do sexo affectivo”:

soberba estructura, concebida por um cérebro feminino, de cujos nobres pensamentos surgiu não só o plano da obra, que mereceu de eminentes architectos os mais sinceros e justos louvores, como também a idéia de levar-a a cabo tão somente por mãos do sexo affectivo. Com effeito, desde os alicerces até a delicada esculptura do tecto – tudo é absolutamente devido a mulheres (PACHECO, 1903, p. 23).

A ideia de uma obra de engenharia exemplar, construída por mulheres, absorve a curiosidade e atenção da personagem. No tecido da narrativa, o prédio de Sophia Hayden evidencia o contentamento de Alice diante de um signo palpável de mudança e de progresso, algo muito elementar no contexto de uma feira mundial que propõe ao mundo uma revolução técnica em muitos campos.

Nesse sentido, destaca-se a emancipação feminina como prerrogativa e necessidade, aliada à perspectiva de um século XX que renunciava reformas políticas, artísticas e culturais. O movimento das sufragistas, por exemplo, acontecido na Europa e nos Estados Unidos, inspirava as brasileiras. Aqui, quando mudaram do campo para as cidades, para trabalhar nas fábricas, as mulheres passaram a se conscientizar mais de seus direitos, exigindo sua participação ativa na sociedade. Mas os avanços e conquistas femininos não acontecem sem reservas ou, no mínimo, ironias. É o que vemos em crônicas publicadas no *Correio Paulistano*, em fevereiro de 1893, por um desconhecido personagem, nomeado apenas como Fishmonger, o peixeiro.

AS CRÔNICAS DO PEIXEIRO

Durante a pesquisa sobre Luiza Pacheco nos arquivos eletrônicos do Correio Paulistano, referentes ao ano de 1893, nos deparamos com os textos de uma seção intitulada *De Chicago*, assinada por um correspondente desconhecido. Esse conjunto de seis crônicas foi publicado no jornal entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1893, véspera da Exposição de Chicago, inaugurada em maio.

Datados de janeiro do mesmo ano, os textos versavam sobre a preparação para o grande evento, que marcou profundamente o final do século XIX, dando mostras de que a tecnologia seria o destino das nações, sob a batuta dos norte-americanos.

É possível que o misterioso cronista que se subscreveu como Fishmonger tenha sido parte de um estratagema do jornal para fazer o leitor acreditar no envio de um correspondente à cidade americana, daí o título da coluna – *De*

Chicago. Ou, ainda, tratava-se de um autor que preferisse ficar incógnito, provavelmente um integrante da comitiva oficial do governo brasileiro que viajou a Chicago para organizar o pavilhão brasileiro.

A última hipótese parece mais plausível, pois os textos induziam o leitor a refletir sobre os reais motivos pelos quais o Brasil tinha obtido espaço tão privilegiado no evento. Os interesses comerciais, segundo o cronista, eram as razões mais prováveis:

as nações são como indivíduos: por mais poderosas que sejam, precisam sempre das mais fracas. A União Norte-Americana (...) precisa encontrar saída para seus inumeráveis produtos, quer agrícolas, quer industriais. D’ahi a necessidade em que se acha a America do Norte de captar as sympathias do Brasil, para o fim de estreitar as relações commerciaes, de que devem resultar grandes vantagens para os seu commercio e industrias (FISHMONGER, 1893, p. 1).

Mesmo assim, o grande destaque dado ao Brasil na Feira produziu uma mobilização do governo e dos empresários paulistas, registrada nas páginas do *Correio Paulistano*. O jornal noticiou o trabalho da comissão responsável pela organização do pavilhão brasileiro no evento e, ainda, publicava notas sobre o embarque de membros do governo ou do empresariado rumo a Chicago.

Além da crítica quanto aos interesses da nação “amiga”, o cronista preocupou-se em descrever o cenário da Feira, uma vitrine para o que deveriam ser as cidades modernas do século XX. Assim, Fishmonger gasta colunas e colunas de texto para pormenorizar o aspecto das construções que, tal como o prédio de Sophia Hayden, foram erguidas especialmente para a ocasião.

Assim, na crônica do dia 11 de fevereiro daquele ano, Fishmonger descreve e dá seu parecer sobre várias obras arquitetônicas da Exposição. No texto, ele examina com riqueza de detalhes as obras masculinas, para as quais emite juízos de valor. Em sua crônica, esses projetos recebem elogios rasgados: “verdadeiros palácios”, “joia da coroa dos palácios de Chicago”, “suntuoso pavilhão”, “proporções colossais”. No entanto, quanto ao prédio projetado por Sophia Hayden, o correspondente destaca, agora na crônica publicada em 12 de fevereiro de 1893, apenas que a construção fora executada com “o mais delicado gosto artístico”, destacando, nessa linha, aspectos que demonstrariam tal afirmação.

Interessa-nos, nesse conjunto de textos, sobretudo a crônica do dia 12 de fevereiro de 1893. É nela que o cronista pode, conforme Tito Souza (2017), em texto que trata sobre o desenvolvimento desse gênero jornalístico no Brasil, “deixar-se guiar mais livremente pelas suas impressões e, desse modo, romper as fronteiras normalmente impostas pelos modelos convencionais de representação da realidade” (SOUZA, 2017, p.80).

Destoando da fria descrição dos prédios e da estrutura da Feira, esse texto traz, de modo mais direto e vivo, um inusitado testemunho sobre o grau de emancipação da mulher norte-americana, representado pela construção do

Edifício das Senhoras. Com boa dose de ironia, Fishmonger opina sobre a razão de a Feira de Chicago abrir espaço para as engenheiras:

O paíz da mulher livre, autônoma, não podia deixar de consagrar uma secção especial à mulher, e isto constitue uma das *curiosidades attrahentes e novas* da Exposição de Chicago. Esta secção tem por fim demonstrar ao mundo que a mulher é susceptível de adaptar-se às múltiplas variedades da actividade humana, desde a obra de caridade, que é seu apanágio, até a indústria, julgada acessível somente ao talento e ao braço do homem (FISHMONGER, 1893, p.1, grifo nosso).

Por mais que, no seu relato, o cronista tenha procurado adotar uma postura distanciada dos fatos e fazer uma descrição quase técnica do evento, no texto de 12 de fevereiro ele prefere retratar costumes e comportamentos. Assim, considerando as reflexões de Alain Vaillant (2015) sobre a crônica, Fishmonger pode desenvolver outro viés para esse gênero, “mantendo o elo estreito com o fio da atualidade dos eventos” que cobria. Isso ocorre, segundo Vaillant (2015), porque:

por um fenômeno de dissimilação que inverte curiosamente o sentido e a função da “crônica”, a crônica do jornal passa a designar um espaço textual onde o escriba escolhe afastar-se da realidade, destacar-se do curso do tempo, permitindo-se uma espécie de vagabundagem temática conforme a sua inspiração. O que leva ao segundo sentido da “crônica” histórica: uma rubrica que trata de coisas comuns, não tendo necessariamente um elo estreito com o fio da atualidade dos eventos, porém voltada prioritariamente aos costumes, isto é, aos comportamentos privados ou às práticas sociais (VAILLANT, 2015, p.189).

No trecho de Fishmonger, anteriormente citado, extraído da crônica de 12 de fevereiro, é importante destacar a semelhança entre o pensamento do cronista e a mentalidade expressa na nota de *O Estado de S. Paulo* que apresentou Alice ao público da capital paulista: a caridade (e não a literatura, a engenharia, a indústria, a arquitetura) era, dentro dessas concepções, o verdadeiro apanágio das mulheres. Essa mentalidade reflete o interesse da crônica pelo mapeamento dos costumes, como ressalta Vaillant.

Relevante notar, na continuação desse texto, que Fishmonger apresenta detalhes do projeto de Hayden, semelhantes aos descritos na carta que Alice escreve à irmã:

o edifício das senhoras mede 400 pés de fachada principal sobre 200 de fundo. Compõe-se de um pavilhão central e dois outros latteraes, ligados por meio de arcadas que se abrem no 1º andar. Uma galeria de 40 pés de largura conduz a uma cupula de 70 pés sobre 65, da mesma altura do edifício, protegida por uma claraboia ricamente ornamentada. O estilo architetonico filia-se á escola Renascença italiana. A construcção e disposição das peças internas do edifício são do mais delicado gosto artístico e perfeitamente adequadas ao fim a que se

propõe. Além das galerias (...), existe um grande salão (...); luxuosas salas de recepções com todas as comodidades apetecíveis, quartos de toucador, bibliotheca, etc. (FISHMONGER, 1893, p.1).

Nessa mesma crônica, em outro trecho, chama a atenção o comentário de Fishmonger sobre as razões que trariam a presença do público ao prédio de Hayden. Para ele, a plateia masculina e visitaria “Pela originalidade da ideia e especialmente pelos bellos especimens do bello sexo” que seriam encontrados no prédio, razão pela qual se diz convencido de que o “Palácio das Senhoras será o ponto escolhido pelos visitantes barbados ou com pretensões à barba para quartel general de suas observações” (FISHMONGER, 1893, p. 01).

Por fim, o cronista faz um alerta aos leitores brasileiros, avisando aos que desconhecem “os costumes do bello sexo norte americano” que a liberdade nos Estados Unidos era “prerrogativa da mulher e não do homem”, cuidando o estrangeiro “desconhecedor dessa submissão do homem à mulher” para não fazer nenhum comentário que fosse ferir a sensibilidade da americana, sob pena de ser levado “ao primeiro posto correccional, onde terá que dar explicações” (FISHMONGER, 1893, p. 02).

Noutra direção, Luiza Pacheco, leitora experiente e perspicaz de livros e atenta ao cotidiano dos jornais, provavelmente animada com as notícias do progresso das mulheres, propõe em seu romance uma leitura elevada do trabalho de Sophia Hayden, o que se comprova na descrição do prédio, feita pela personagem Alice:

todo o primeiro andar do pavilhão do sul é destinado à exposição de paleontologia com relação às artes femininas e o do norte às reformas e organização do trabalho e da caridade. A bibliotheca, o gabinete de informações e o archivo foram collocados na parte opposta a frente do edificio. No segundo andar, por cima da entrada principal, ficam as salas para as senhoras e os alojamentos das commissões. O vasto salão do club, onde se fazem as reuniões e conferências, abrange todo o segundo andar do pavilhão do norte. No do sul há modelos de baterias de cozinha, de ornatos de sala, indumentária, leques arandellas, biombos, tapetes etc. *Emfim, si as senhoras nada mais tivessem feito do que expor este bello edificio, já teriam realizado o bastante para impor-se à admiração e respeito de todo o mundo civilizado* (PACHECO, 1903, p. 24, grifo nosso).

Assim, por um lado, Luiza Pacheco, usando as palavras de sua protagonista, entende que a obra das profissionais que construíram o pavilhão era o bastante para que a sociedade respeitasse e admirasse o intelecto e a capacidade de realização feminina. Mesmo não tendo recebido igual acolhida por parte dos homens, a surpresa e repercussão que causou o trabalho da arquiteta americana desenhava, entre as senhoras que o visitavam, outra perspectiva para as mulheres. A autora, certamente, entre elas.

O prédio de Sophia tornou-se, de fato, um marco para o movimento emancipatório da mulher americana que, mesmo a passos lentos, evoluía. O

mesmo não se poderia dizer sobre o Brasil. Por aqui, essa imagem depreciadora e irônica que o cronista constrói sobre o trabalho e a capacidade intelectual feminina era lugar-comum. E fazia parte do processo de silenciamento e exclusão de que as mulheres brasileiras foram e são vítimas historicamente.

Por outro lado, o texto de Fishmonger demonstra como esse processo permeia tão naturalmente os discursos locais, legitimando estereótipos sobre o lugar da mulher na sociedade, já que o sujeito que fala (na literatura, na lei, na tribuna, na engenharia) é sempre masculino. Em contraste, a escrita de Luiza Pacheco dá ao edifício construído pelas mulheres um destaque na narrativa que, aparentemente, nada acrescentaria à trama romanesca, a qual, tira Alice do casamento e a leva para a clausura do convento. Contudo, para além da superfície do texto, revelam-se as tensões próprias do período: condicionadas por um modelo de submissão e limitações, as mulheres, aos poucos, requisitam novos espaços de manifestação.

Considerando o exagero e o tom de deboche do cronista do *Correio Paulistano*, aqui se faz necessário estabelecer o contraponto entre a realidade das mulheres americanas e brasileiras no final do século XIX. Enquanto estas ainda se viam debaixo de um jugo inexpugnável, não contando com movimentos feministas mais pujantes, aquelas já haviam conquistado espaços e legitimações importantes, embora acanhados.

Assim, conforme Matt Novak (2013), “quando a feira abriu em 1893, direitos igualitários para mulheres era um sonho distante. As mulheres nos Estados Unidos não podiam votar e estavam relegadas às margens da vida pública. Mas os tempos estavam mudando lentamente” (NOVAK, 2013, n.p.).

Como sinal dessa mudança dos tempos, a exposição de Chicago tornou-se um marco dessas conquistas. Uma delas foi a definição, pelo Congresso americano, de que parte do recurso público para subvencionar o evento deveria ser utilizado para incentivar a participação feminina. Nesse sentido, de acordo com Novak (2013, n.p.):

ao autorizar e financiar o conselho feminino na Feira de Chicago, o Congresso estava de fato reconhecendo o crescimento organizado e influente do papel da mulher na sociedade americana. Novas tecnologias como encanamento doméstico, enlatamento, produção comercial de gelo e máquina de costura tinham libertado as mulheres de classe média de muitas tarefas domésticas, e mais e mais mulheres entravam em faculdades e no mercado de trabalho. Muitas, incluindo profissionais e mulheres de classe alta, estavam entrando em grupos de reforma social, e essas mulheres se organizaram para aumentar sua visibilidade e influência (NOVAK, 2013, n.p.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, colocou-se em contraste a imagem de um edifício projetado

por mulheres engenheiras com o jardim, espaço doméstico por meio do qual se encena a prisão feita de flores que fora o casamento da protagonista de Alice. Dessa comparação, é possível compreender que a edificação de Hayden implicava, para Luiza Pacheco, a possibilidade de construção de uma nova sociedade, mais igualitária, menos sexista, alinhada aos rumos de uma ideia progressista que se construía no início do século XX, pós Feira de Chicago, momento de escrita do romance.

Assim como a arquiteta sofreu críticas e foi vítima de ironias (em Chicago e mesmo nas longínquas crônicas de Fishmonger) e Luiza Pacheco precisou da tutela masculina para publicar, também a crítica literária nacional agiu com relação à maior parte das mulheres escritoras, que, segundo Zahidé Muzart, “não foram reconhecidas nem respeitadas e sim esquecidas, mortas”. Para Muzart, as autoras do século XIX publicaram muito pouco e, por esse motivo, não figuraram nos manuais de história da Literatura (MUZART, 1995, p. 87).

Esse é o caso da escritora Luiza Pacheco, como aqui se buscou demonstrar: esquecida pela crítica, embalde a riqueza e influência que possuía, além de ter sido a primeira mulher campineira a publicar um livro sem usar pseudônimo. Nesse sentido, o romance *Alice* implica num paradigma procedimental para a crítica contemporânea: mais do que trazer à tona obras escritas por mulheres, os estudos literários precisam aprimorar, segundo Rebello (2015), metodologias de análise desses textos:

não basta revirar arquivos e compilar textos escritos por mulheres, nos séculos passados, e com eles construir genealogias, embora essas sejam de importância ímpar, para que se conheçam as várias histórias submersas em camadas de poeira e de preconceito. É preciso que se mudem os estudos de literatura de modo substancial, para que se desenvolvam, com o tempo, novos instrumentos de análise (REBELLO, 2015, p. 16).

Além disso, é relevante destacar que a revelação das letras e memórias femininas não era algo usual numa sociedade em que o discurso público sempre fora mais afeto à seara masculina e em que a revelação da esfera íntima e pessoal feminina era considerada inoportuna. A memória das mulheres, segundo Maria Beatriz Nader (2001), é “a memória do privado, da vida íntima à qual foi atrelada e trabalhada por uma educação que a levava à aceitação de sua vida no interior do domicílio, sem reclamar e, de modo geral, sem perceber que também fazia parte da História” (NADER, 2001, p. 61).

Assim, é possível vislumbrar que, para Luiza Pacheco, deixar que suas ideias abandonassem o círculo doméstico e transpusessem o jardim para ganhar o mundo representava um ato de coragem e de resistência importante, que não pode ser desprezado. No prólogo às leitoras, a escritora deixa evidente o diminuto lugar da mulher escritora num mundo em que o exercício do pensamento e da intelectualidade eram prerrogativas dos homens:

E em vossas mãos caridosas que venho humildemente depor, leitoras amáveis, este primeiro e pallido ensaio de minha obscura penna, esboçado sobre o velho thema,—velho, mas sempre fecundo, — do "coração da mulher! Bem sei que me fallecem a erudição e o talento, necessários a empreendimentos desta natureza. Estou certa, porém, de que sereis indulgentes para commigo, desde que seuberdes que tive em mira, não gloriolas fallazes, e sim satisfazer a um devaneio de minha fantasia caprichosa, que me levou a exteriorizar e dar corpo, vestindo-o com os arrebiques da ficção, a um facto, sinão real, pelo menos verosimil, e que encerra, como vereis, uma profunda lição da moral sublime do catholicismo. Eu vol-o entrego, pois, confiadamente, e por bem paga me darei do meu trabalho, si das lhanas paginas deste ligeiro escorço literário virdes transparecer que nada mais visei sinão contribuir também com o meu pequenino esforço para o bem geral, que repousa incontestavelmente nas bases sólidas da Religião e da Educação (PACHECO, 1903, p. VIII).

Desse modo, enquanto a personagem Alice estava guardada em seus jardins por dois homens, o pai e o marido, Luiza Pacheco, a escritora, buscava timidamente, inspirada pelo Edifício das Senhoras, de Sophia Hayden, conquistar outros espaços que não estivessem sob a tutela do marido e sob os olhares do crítico. Expostas em vitrines especiais, respectivamente os jardins da casa e os jardins da Literatura, essas mulheres precisaram de coragem e de persistência para reivindicar seu direito legítimo e autônomo de expressão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORI, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*. 3ªed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 223 – 277.

BIANCO, Alessia. Donne in architettura: Sophia Gregoria Hayden, quando “tutto” non basta. *Storia delle donne*, Firenzi, v. 8, p. 185-197, 2012. Disponível em: <https://www.torrossa.com/en/resources/an/2625508>. Acesso em: 19 fev. 2022.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

FISHMONGER. De Chicago. *Correio Paulistano*: Orgam republicano. São Paulo, p. 01-02. 12 fev. 1893. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/090972_05/3878. Acesso em: 19 fev. 2022.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e arquiteturas na América Latina do Século XX*. 1ª ed. São Paulo: Altamira Editorial, 2014.

MAGALHÃES, Basílio de. Prefácio. In: PACHECO, Luiza F. de Camargo Pacheco. *Alice*. 1903. Disponível em:

<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000017541&bbm/5361#page/2/mode/2up>

Acesso em: 01 mar. 2022

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, n. 03, p.85-94, 1995. Anual. Disponível em: 7 <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277/4657>.

Acesso em: 01 mar. 2022.

NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. 2. ed. Vitória: Edufes, 2001. 199 p.

NOVAK, Matt. *De onde veio o futuro: uma viagem pela Feira Mundial de Chicago de 1893*. 2013. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/feira-mundial-1893/>.

Acesso em: 01 mar. 2022

O ESTADO DE S. PAULO. Municípios. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p.1-2, 31 dez. 1903. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19031231-9161-nac-0001-999-1-not>. Acesso em: 01 mar. 2022

PACHECO, Luiza F. de Camargo Pacheco. *Alice*. 1903. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5361>. Acesso em: 01 mar. 2022

REBELLO, Ivana Ferrante. A letra e a fenda: o romance Alice, de D. Luiza F. de Camargo Pacheco. *Araticum*, Montes Claros, v. 12, p.10-16, dez. 2015. Semestral. Disponível em: <http://www.revistaaraticum.unimontes.br/index.php/araticum/issue/view/17>.

Acesso em: 01 mar. 2022

SOUZA, Tito Eugênio Santos. Jornalismo, literatura e olhares sobre o cotidiano: caminhos e tendências da crônica brasileira. *Revista de Estudos Brasileños*, v. 4, n. 8, p. 79-89, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6368036> Acesso em: 01 mar. 2022

VAILLANT, Alain. A crônica no século XIX: as metamorfoses midiáticas de um gênero literário. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 38, p. 186-194, 2015. Disponível em: <https://anpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/846> Acesso em: 01 mar. 2022



ALICE'S GARDEN, SOPHIA'S BUILDING, THE FISHMAN CHRONICLES: an analysis of the novel Alice, by Luiza F. de Camargo Pacheco

Pedro Borges Pimenta Júnior

Abstract

The novel Alice, by Luiza F. de Camargo Pacheco, published in Campinas - SP, in 1903, helps to portray the difficulties encountered by women in their quest for legitimization as writers. These difficulties are fictionally represented through the comparison between two spaces of human intervention: the garden offered by the protagonist's husband as a wedding gift and a building designed by the Chilean-American architect Sophia Hayden for the Chicago Exhibition (1893). In the work, the garden evokes the social conventions that confined women to the domestic space, while Hayden's building demonstrates the creative capacity of female intelligence operating in predominantly male contexts. However, although Pacheco's narrative praises women's abilities, this work challenges the author's view by comparing the reception of Hayden's work in chronicles published in the newspaper Correio Paulistano, in the same year as the event. In this sense, based on bibliographic review and research in periodicals of the time, this work aims to analyze how these two environments, respectively and in contrast, evoke the social spaces traditionally attributed to Brazilian women in the nineteenth century (the home, the garden, the convent) and those that the struggle for women's emancipation has historically achieved (the office, engineering, literature). To do so, studies by Araújo (2000), Bianco (2012), Bourdieu (2012), Lima (2014), Muzart (1995), Nader (2001), Rebello (2015) among others, were consulted.

Keywords:

Luiza F. de Camargo Pacheco. Sophia Hayden. Novel. Chronic. Literature written by women.
